

TRIBUNA Livre

11
JUNHO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES



Estão a decorrer

AS FESTAS A SANTO ANTÓNIO

Desde o princípio da semana que a vida quotidiana da nossa Vila começou a sofrer transformação. Primeiro por sintomas ténues de que estava para surgir algo fora do normal, depois por manifestações diversas que foram animando o ambiente e alterando o dia a dia das populações.

Finalmente o estralejar dos foguetes, o barulho dos gigantones e dos cabeçudos, das instalações sonoras e dos muitos divertimentos. Hoje, especialmente pela noite, o programa começa a desenrolar-se nos seus melhores números e os forasteiros começam a aparecer de todos os lados, servindo-se de todos os meios, alheios a todos os sacrifícios e canseiros, sequiosos das Festas nos seus folguedos, naquilo que é a sua própria razão de ser.

Santo António, prodígio de santidade e de sabedoria, dilecto filho de Portugal, o mais português de todos os Santos, doutor da Igreja Universal, o Santo que passeou o Menino Deus, recebe as homenagens mais diferentes. Uns ajoelhando penitentes junto do seu altar a solicitar a sua ajuda, outros cantam o seu nome e recordam os seus feitos, outros ainda, alheios à sua vontade, entregam-se aos folguedos sem limites ou fronteiras.

Santo António de Lisboa é em verdade o Santo mais popular do nosso País, o mais celebrado nos seus altares. E nos maior ou menor opolência, mas todas dentro das características que consagraram as manifestações deste género.

As Festas deste ano, levadas a cabo por uma comissão que se não tem poupado a esforços tem números que lhe garantem desusada concorrência entre as quais é justo destacar a Festa da Rádio, a Feira Franca e concurso pecuário, as sessões de Fogo, concertos musicais, arraial minhoto, pugnas desportivas, etc.

Por curiosidade diremos que no momento em que escrevemos a Comissão da corrida sente-se assoberbada com o número de corredores para as provas ciclistas e que a Festa da Rádio terá a sua lotação esgotada não obstante o espaço do recinto.

As nossas Festas bem apoiadas por uma tradição que as prestigia são cartaz aliciante que continua a engrandecer-se.

Novo Arcipreste

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz, atenta a falta de saúde do Senhor Arcipreste Padre Manuel Matias Pereira do Lago e Costa, acaba de nomear para seu substituto naquela alta função o Senhor Padre Albino José Fernandes Alves, pároco de Ferreiros.



Padre Albino José Fernandes Alves

Na próxima segunda-feira, dia 13, às 16 horas na Igreja Matriz, os organismos da acção Católica ofertarão, ao seu pároco, as insignias arciprestais.

A notícia causou geral satisfação em todo o Arciprestado no qual o nomeado é muito conhecido e admirado pelas suas magnificas qualidades de coração, aprumo e inteligência

* * *

Lamentamos, profunda-

Continua na 3.ª página

Cem corredores disputarão

o III circuito de Santo António

Desde há anos que integrado nas Festas a Santo António se realiza o circuito que tem o nome do patrono das Festas. E de ano para ano aumenta o entusiasmo e a concorrência a essa prova.

Este ano, então, o que se passa é em verdade invulgar e promete um espectáculo de valia. Neste momento já se encontram inscritos cem corredores que representarão diferentes clubes entre eles os «Leões da A Modelar», «Gijão», de Vila do Conde, que se fará acompanhar de 20 carros, «Ponte do Porto»,

«Feijão», «Gilão», «Aldoar», «Leixões», «Académico» e «Ovarense», além de muitos individuais.

Por força desta concorrência a Comissão viu-se obrigada a tomar novas providências e a assumir novos encargos.

Valeu-lhe porém, e muito, a ajuda prestada pela casa «Pachancho», de Braga, por intermédio de um dos seus proprietários o nosso amigo senhor António Peixoto.

Assim esta casa mandará um carro para o director da corrida, uma fragoneta que

Continua na 6.ª página)

Nova rua Marques Rêgo

Na próxima segunda-feira, dia 13 do corrente, às 16 horas a Câmara Municipal promove o descerramento da lápide que dará o nome à rua que vai do lado nascente do Largo Dr. Oliveira Salazar, até ao Largo da Igreja e que passará a denominar-se «Rua Marques Rêgo».

Trata-se de uma justíssima homenagem prestada a um dos mais esforçados servidores desta terra, razão porque é de esperar que além das autoridades muita gente se lhe associará, especialmente o comércio que encontrou no homenageado um defensor denodado e incansável dos seus interesses.

Ao acto presidirá o Senhor Presidente da Câmara e assistirão as autoridades locais.

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

O «rouxinol de Berlim» em Bayreuth

Uma estrela da ópera de apenas vinte anos — A carreira sensacional de Anja Silja

A carreira excepcional de uma das mais jovens cantoras de ópera dos nossos dias vai obter este ano a consagração internacional no Festival de Bayreuth: com apenas vinte anos Anja Silja cantará a Senta no «Navio Fantasma». Há poucas semanas a jovem cantora apresentou-se na Ópera de Hamburgo como Leonora no «Trovador» de Verdi. Anja Silja voltou assim à cidade onde cantou pela primeira vez em público há dez anos, como autêntica «menina prodigiosa».

Richard Wagner é o compositor preferido do «rouxinol de Berlim» que já em criança tinha uma amplitude de voz extraordinária. Anja Silja ouviu pela primeira vez «Tristão e Isolda» aos onze anos. Pouco mais tarde declarou a sua intenção de um dia vir a ser cantora de ópera de Wagner. «Se não houver outro remédio», explicou «tenho de engordar um pouco». Em 1957 Anja Silja foi pela primeira vez a Bayreuth para ouvir Astrid Varnay, a primeira cantora de Wagner que se mostraram impressionados pelas capacidades excepcionais da jovem berlinense. Este ano Anja Silja verá realizado o seu maior desejo. Começará em Bayreuth como Senta e o seu soprano lírico e dramático deixa entrever a possibilidade de vir a ser uma Brunhilda ou uma Isolda de fama mundial.

Anja Silja afirma nunca ter recebido da luz da ribalta. A casa dos seus avós, onde foi criada, foi efectivamente uma casa cheia de música. Sua avó foi, em seus tempos, uma cantora muito apreciada, enquanto o seu avô se especializou na formação de vozes para o belcanto. Já quase cego, o avô encarregou-se da formação musical da sua neta iniciada ao piano, aos cinco anos. A pequena Anja, porém, gostava mais de cantar do que tocar piano. Transformou os textos do seu livro de leitura em outras tantas canções. Seu avô desenvolveu sistematicamente a voz de Anja que bem depressa dominava perfeitamente árias extremamente difíceis. Com pouco mais de onze anos a loura berlinense conquistou as simpatias do público hamburguês, sempre muito reservado e exigente.

Apesar do grande êxito deste concerto de apresentação, os avós defenderam Anja do perigo de se deixar inebriar. Mesmo depois de êxitos alcançados também na Escandinávia prosseguiram no trabalho paciente. Findo de alguns anos de estudos incansáveis Anja Silja assinou o primeiro con-

trato no Teatro Municipal de Braunschweig. Não tardou que a Ópera de Stuttgart se interessasse pela jovem cantora que se distingue pela sua naturalidade e pelo seu aspecto desportivo. De Stuttgart Anja Silja passou para a Ópera de Francforte, cidade esta que, com os seus 650.000 habitantes é um grande centro musical.

Com os seus vinte anos Anja Silja é adulta sob o ponto de vista físico, artístico e intelectual. Os peritos que há alguns anos manifestaram os seus receios ante as probabilidades de uma carreira muito rápida têm de confessar

agora que Anja Silja poderá enfrentar com toda a calma a mais severa crítica internacional. Um perito estrangeiro que ouviu Anja Silja na «Fiauta mágica» declarou que a amplitude da sua voz é tão grande como a de Maria Callas. Outros críticos de prestígio compararam Anja Silja com a célebre cantora sueca Jenny Lind. Anja Silja tem um elevado conceito da sua arte: «Quero dar prazer e alegria àqueles que me ouvem, sendo, por isso, absolutamente indiferente onde canto». O convite para cantar em Bayreuth não efectuará de maneira alguma a sua modéstia.

Um Material Revolucionário EM PINTURA

por César Afonso

A arte da pintura foi agora novo graças aos estudos de um pintor que encontrou um material diferente e de grande efeito.

O pintor chama-se Santiago e o material é constituído por uma combinação de tintas e colas sintéticas que resistem às intempéries. A aparência dos quadros é de cerâmica tratada pelo fogo, podendo obter-se todas as tonalidades que se quiserem mediante uma dosagem, que, como é óbvio, o pintor deve procurar manter secreta. Para se avaliar a resistência deste material bastará dizer que o artista meteu dentro de água uma parcela de material e ao fim de seis meses nenhuma deterioração havia sofrido; o mesmo material submetido ao calor manteve a sua resistência. A tal ponto que os engenheiros do Laboratório de Engenharia Civil estudam a sua possível aplicação à construção civil para decoração de grandes superfícies lisas em exteriores de edifícios sujeitos aos mais variados choques e às variações de temperatura mais irregulares.

Para a pintura mural, decorativa, em que não há necessidade de uma grande minúcia e em que abundam as grandes manchas, o achado de Santiago constitui valiosa contribuição, que nos apraz registar e enaltecer.

A questão é que se saiba e queira fazer um aproveitamento criterioso desse material. É impressionante em nossos dias, sobretudo nas artes plásticas, o contraste que se verifica entre a técnica a bem dizer perfeita de alguns artistas e o seu

mau uso que dela fazem. Acontece em muitos casos que bons artistas, ou por uma questão de pressa, ou por uma questão de excentricidade intencional, propositada, convertem o rectângulo da tela num borrão a que se chama esboço ou mancha para significar que se trata de uma obra inacabada ou despreocupada. O pior é que muitas exposições se organizam com essas obras num descarado desafio à transigência do público, estabelecendo por vezes ou aumentando a confusão. E pior ainda é a propaganda que se encarrega de exaltar as excelências de um retrato, o encanto de uma paisagem no mesmo tom que usam os aldrabões de feira em relação aos elixires da vida, aos sabonetes ou aos produtos que fazem crescer o cabelo ainda aos mais carecas.

Pelo que diz respeito ao estilo de João Santiago temos a anotar a desenvoltura, sem perder o equilíbrio, do seu desenho; deforma, por vezes, quase até os exageros do expressionismo, sem no entanto cair no grotesco e no caricatural. Surpreendeu-nos, agradavelmente o domínio de uma tonalidade difícil como é o verde, em alguns dos seus quadros, os quais por isso mesmo enfileiram dentro de um vanguardismo arrojado. Sendo o verde uma cor fria, dura, e difícil, o artista soube dominá-la por forma a conseguir combinações com outras tintas principalmente o amarelo e efeitos pictóricos muito apreciáveis. «Grupo de mulheres» embora com características de cenografia ou talvez por isso mesmo — define

Uma segunda «faixa da morte» na Alemanha

A fronteira cinde campos, casas e famílias — Uma fronteira sangrenta de 1.381 Km

Uma fronteira artificial e imposta pela violência separa hoje alemães de alemães, a República Federal da Alemanha da zona de ocupação soviética. Junto a esta linha sinuosa e com algumas rectas traçadas a lapiz, cujo comprimento iguala a distância entre Hamburgo e Barcelona entre Bonn e Helsinquia e entre Berlim e Moscovo presenciavam-se os sofrimentos de uma nação de 73 milhões já cansada de aguardar a solução do seu principal problema.

Há poucas semanas os dirigentes da zona soviética da Alemanha começaram a dotar esta fronteira de uma segunda «faixa da morte» de 10 m de largura. Além disso levantaram-se em muitos pontos adicionalmente barreiras de arame farpado e colocaram-se estacas de cimento armado de 2m de altura. Próximo da fronteira acumulou-se material de construção para aperfeiçoar as barragens. Esta segunda «faixa da morte» decorre a 250 — 500 m a leste. Da primeira «faixa de segurança» elevou-se o número de sentinelas, mandaram-se evacuar ainda mais casas na zona fronteiriça e nas florestas rasgaram-se novas aberturas para facilitar a vigilância.

Em pleno século vinte, em plena paz, no coração da Alemanha constroem-se apressadamente barragens e fortificações para eternizar a cisão da Alemanha. Os dirigentes da zona soviética tomaram as primeiras medidas neste sentido em 1946. Em 1952 criaram uma faixa de controle de 10 m, uma faixa de protecção de 500 m e uma

o artista.

Os seus retratos impõem-se pelo vigor da expressão dos modelos, entre os quais sobressai o do pintor Watanuki, o de Tay e o de Henri Adamov.

Num meio como o nosso em que os artistas se contentam em muitos casos com um certo verniz de morde-nidade sem procurarem aperfeiçoar a sua técnica e analisar em profundidade a sua estética, contentando-se com os loiros que colhem de entrada, descansando à sua sombra, João Santiago impõe-se como exemplo do artista probo que não procura mistificar por meio de excentricidades, antes, alijando atitudes estereis de comodidade ou de temor, obedeceu a um impulso de renovação na busca e na descoberta de novos caminhos.

Por isso merece a nossa admiração.

zona de controle rigoroso de 5 Km. Na fronteira propriamente dita e, atrás ela, colocaram-se em escalonamento barragens de arame farpado, de estacas, valas, abrigos subterrâneos e torres de vigia. Mais de 1.000 torres de vigia com uma guarita a 15 m de altura, projectores e metralhadores facilitam a vigilância. Entre as duas partes da Alemanha só há seis passagens ferroviárias e quatro passagens rodoviárias. Barraram-se nada menos de 36 linhas férreas, 3 autoestradas, 96 estradas importantes e milhares de estradas secundárias e de caminhos. Na zona fronteiriça demoliram-se casas. A Estrada alemã No. 1 que de Berlim conduzia ao oeste da Alemanha foi interrompida; o primeiro obstáculo, à passagem é um autocarro incendiado nos últimos dias da guerra. Inutilizaram-se numerosas pontes e impediu-se que as pontes bombardeadas ou dinamitadas durante a guerra fossem construídas.

O que esta fronteira significa depreende-se da circunstância de atravessar não só bosques e campos mas também propriedades agrícolas e casas. Num caso separou-se o forno do moinho. Algumas localidades foram divididas, cortando-se os fios eléctricos e telefónicos assim como também os canos de gás e de água. Ordens peremptórias puseram termo a relações humanas. Basta citar o exemplo da cidade de Meiningen, na zona soviética. Na estrada que antigamente conduzia a Meiningen le-se, junto à fronteira, numa tabuleta que a distância é de apenas 12 Km. Ora, munido de autorizações e licenças, é preciso percorrer hoje 200 Km para lá chegar. Outro exemplo é o caso das localidades de Kleinensee da zona soviética e de Grossensee na República Federal. Quando recentemente se pretendeu sepultar no cemitério de Grossensee uma senhora que manifestara esse desejo, foi preciso dar uma volta de 80 Km apesar de se ver de Kleinensee o cemitério da localidade vizinha.

No lado ocidental, na parte livre da Alemanha, não há zona de barragem, nem fortificações, nem torres de vigias, nem faixas nem «faixas da morte». Na República Federal da Alemanha não impedem viagens à zona soviética. Do outro lado da linha de demarcação é preciso apresentar requerimentos nem sempre se obtém a autorização.

TRIBUNA do CONCELHO

Novo Arcipreste

Continuação da 1.ª página

mente, a falta de saúde do Senhor Padre Lago e Costa, Arcipreste estimado e sacerdote muito digno, oriundo de uma das mais ilustres famílias do nosso concelho, pároco de há muito da sua terra natal, a freguesia de Santa Maria de Bourro.

Impôs-se à consideração e estima gerais pelos seus dotes e pela fidalguia do seu trato, sendo muito admirado e respeitado.

Congratulamo-nos com o facto de continuar a usar o

Pedem-nos os dirigentes da Acção Católica para transmitir o seu desejo de que as pessoas que o possam fazer compareçam à cerimónia da entrega das insignias e que cada um se dê por convidado por este meio atendendo o que não serão feitos convites individuais.

título que muito prezamos como nos aprás ver no exercício efectivo do sacerdote ilustre que é o agora nomeado. Recebemos sempre do Senhor Arcipreste Lago e Costa as melhores atenções o que nos aprás registar com a maior satisfação e fazemos votos pelo seu total restabelecimento.

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

Do Presidente da Junta de Freguesia de Barreiros, solicitando a esta Câmara para providenciar no sentido do caminho que liga aquela freguesia à de Rendufe no lugar de Riotinto, seja reparado de modo a ficar transitável, pedindo, ainda, que seja construída mais uma sala de aulas naquela freguesia.

Do Chefe da Delegação para as Obras de construção de Escolas Primárias, Porto, pedindo para informar aquela Delegação sobre a viabilidade de ampliação 1.200m² para 1.800m² do actual terreno do edifício escolar de Ferreiros a fim de ser este edifício ampliado de 2 para 4 salas.

Idem, idem, idem, informando que foi superiormente aprovado o croquis do terreno destinado à construção do edifício escolar de Paredela—Bouro Santa Maria.

Do Chefe da Secretaria desta Câmara, relativamente à tarifa de energia eléctrica consumida nas Igrejas e salões paroquiais, informa o seguinte: que conforme parecer votado pela Procuradoria Geral da República, de 21-5-1953, inserto no Diário do Governo, 2.ª Serie, de 24 de Setembro do mesmo ano, a Igreja Católica passou, após a celebração da concordata entre a Santa Sé e Portugal, de 7-5-1940, a ser considerada de novo pessoa colectiva de direito público, e por isso os seus seminários e salões paroquiais, devem considerar-se estabelecimentos de instrução de declarada utilidade pública.

Do Commissariado do Desemprego, Lisboa, informando que, por portaria de 26 de Abril findo, foi concedida pelo Fundo de Desemprego a esta Câmara a participação de 10.200\$00, nos encargos com a execução de trabalhos de conservação corrente das vias municipais, durante o corrente ano.

Da Empresa Hoteleira do Gerêz, L. da, Braga, pedindo

O Senhor Padre Albino José Fernandes Alves formou-se em 1943, com distinção; sendo colocado na freguesia de Oliveira, concelho da Póvoa de Lanhoso. Transferido para Sobradelo da Goma do mesmo concelho ali serviu durante 11 anos.

Foi nomeado pároco de Ferreiros, deste concelho, em 1957, impondo-se desde logo ao respeito e à admiração de todos os amarenses, concededores dos seus dotes de trabalho e de acção.

Nomeado delegado da «Caritas» no concelho levou a organização a distribuir 2.000 refeições diárias. Nomeado presidente da Comissão Municipal de assistência desenvolveu a sua acção dentro do concelho. Foi também eleito tesoureiro da Mesa da Santa Casa da Misericórdia e vereador Municipal, desenvolvendo útil actividade em todos os cargos.

O clero do Arciprestado e os organismos do Acção Católica ofertarão ao Senhor Padre Albino José Fernandes Alves, na próxima segunda feira, dia 13, às 16 horas, na Igreja Matriz, as insignias arcepretaes, acto a que assistirão as autoridades concehlias.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 13 — os senhores António da Costa Martins e António Joaquim Cerqueira.

Dia 14 — o sr. Domingos José Correia Portela.

Visado pela Censura

que esta Câmara proceda a uma reparação provisória à estrada que vai do lugar da Cova até à ponte entre o Rio Homem a fim daquela Empresa poder iniciar a carreira regular de passageiros que lhe foi concedida para efectuar entre Amares e Vila Verde cujo prazo para o seu início foi fixado até ao fim do mês de Julho próximo.

Da Junta Distrital de Coimbra, desejando saber se esta Câmara está interessada em escrever crianças na sua colónia balnear Doutor Oliveira Salazar e na sua colónia de férias de Ar e Sol cujo preço por cada criança é de 350\$00 por turno de 20 dias.

Do Eng. Director de Urbanização do Distrito de Braga, informando que a obra de «construção de um Monumento a Sá de Miranda», está dotada no plano de 1960, tornando-se necessário definir, em definitivo, a sua localização e ser realizado o estudo de arranjo local, para ser proposta a participação correspondente.

Do Chefe da Secção de Finanças de Amares, informando que é de toda a conveniência para os serviços daquela Secção a realização imediata das obras no seu arquivo.

Do Instituto Português de Oncologia, Lisboa, remetendo a factura da importância de 178\$00 respeitante ao internamento de doentes a cargo desta Câmara no mês de Março findo.

Do Director do Distrito Escolar de Braga, pedindo a esta Câmara para não fazer a entrega dos edifícios escolares particulares aos respectivos proprietários, ainda que na respectiva localidade seja construído algum edifício ao abrigo do Plano Oficial de Construções Escolares, sem consulta prévia àquela Direcção.

Da Câmara Municipal de Cuba, enviando um exemplar do livro intitulado—Occidentais—Album de Melodias Lusitanas» cujo preço é de 80\$00, que foi doado por Xavier Firmino Vieira aquela Câmara Municipal e, com o seu produto auxiliar a construção do Infantário.

Da Económica, Amares, informando que a estante que aquela firma se propõe executar pela importância de 680\$00 e que se destina à escola de Bourro Santa Marta tem as seguintes características altura 1,55m, largura 0,80 e fundo 0,34m, a madeira será em pinho da terra, a ferragem a aplicar será de 1 qualidade, com vidros e chapa 2m/m.

Do Hospital de São João, Porto, remetendo a factura da importância de 3.312\$00 proveniente das despesas com o internamento de doentes pobres naquele hospital no 1.º trimestre do corrente ano.

Do Cantoneiro Municipal, Domingos Fernandes, apresentando o boletim de abono de família respeitante aos seus quatro filhos.

Da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Porto, apresentando parecer favorável ao pedido que Joaquim do Sacramento Lopes formulou para instalar um talho para venda de carne suína no lugar de Feira Velha da freguesia de Carrzedo, deste concelho.

(Continua no próximo número)

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Volto a escrever-te, querido António, mais cedo do que tentava, para te dar notícias. É que se houver demora, amontoam-se e depois não te posso enviar.

Desordens

No último domingo de Maio quando José A. Araújo Ferreira seguia de bicicleta para o lugar da Ribeira foi atacado

por Manuel Alves Fernandes o «Ribeiral» que depois de algumas palavras descabidas lhe deu um pontapé na roda de trás da bicicleta, escangalhando-a. Dizem que também lhe deu um empurrão. Fosse como fosse o ciclista caiu com a bicicleta e além dos estragos da roda, também rasgou o casaco numa das mangas.

Temendo uma agressão mais séria o ciclista voltou para trás, deixando a bicicleta seguido pelos companheiros do Ribeiral, um dos quais, o mudo Antunes Pinheiro, acompanhando-o mais de perto gesticulava nervosamente e dava-lhe empurrões. Chegando junto do cruzeiro paroquial o ciclista pode avistar o seu irmão Amaro Araújo Ferreira que na companhia de Amaro José Soares da Costa conversavam com o Pároco de Lago, no largo, frente à porta travessa da igreja. Estes desceram imediatamente

Continua na 4.ª página

HUMORISMO

Tempos de racionamento

Encontraram-se num carro dois homens: um gordo e um magro.

O gordo querendo mostrar espírito, foi dizendo: Parece-me que tem havido grande fome. Resposta do magro.

— Sim, sim... e você tem sido o culpado.

A criada curiosa

— Minha senhora; de que morreu o menino?

— Da rotura de um vaso.

— O que é a sina da gentel...

Quebraram-se-me dois ao barrer... e estou tão bem disposta!

Não Precisava

Um provinciano entrou numa camisaria e observou admirado, durante algum tempo, uma colecção de pijamas. A certa altura, intrigado perguntou:

— Que é aquilo?

— São pijamas.

— Para que servem?

— Para vestir à noite.

— Não quero. A noite vou para a cama.

Entre vizinhos

— Ai que desgraça! O meu homem está cada vez pior com a bebida!...

— O meu não...

— Dê graças a Deus, se ele não bebe!

— Bebel! O que é não vem para casa!...

Nuno Alvares Pereira

é para todos os portugueses lição de Fé, de valor, de unidade e de confiança—disse o Cardeal Patriarca na celebração do centenário do Condestável, a que presidiu o Chefe do Estado

Cernache do Bonjardim—

Foi nesta terra que nasceu aquele que verdadeiramente garantiu Portugal para todos os séculos—declarou o chefe do Estado, contra-almirante Américo Thomaz, ao presidir às cerimónias do sexto centenário do nascimento do Santo Condestável, D. Nuno Alvares Pereira.

1960 marca na história de Portugal duas celebrações de primeira grandeza: a do nascimento, há 600 anos, em Cernache do Bonjardim, de D. Nuno Alvares Pereira, e a da morte, há cinco séculos, do Infante D. Henrique.

Portugal, tendo na obra do Infante a base da sua expansão universal, encontrou, porém, em D. Nuno Alvares Pereira, a incarnação da vontade decidida da nação para assegurar a todo o custo a independência do país.

São, pois, duas figuras das mais altas na história Pátria.

O Presidente Américo Thomaz e o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, estiveram nesta localidade para a celebração do centenário. Milhares de pessoas acorreram aqui para participar nas comemorações.

Membros do Governo, entre os quais o Ministro da Presidência, dr. Pedro Theotónio Pereira, aguardaram o Chefe do Estado, à sua chegada a Cernache, onde a multidão recebeu com aclamações o contra-almirante Américo Thomaz.

Solene Pontifical, foi cele-

brado junto ao Seminário das Missões pelo Bispo de Portalegre e Castelo Branco, D. Agostinho de Moura, tendo, ao Evangelho, proferido, uma homília o Cardeal Patriarca.

Cernache é neste momento o altar da Pátria para honrar o Santo Condestável—disse o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Dir-se-ia estarem aqui reunidas as Cortes Portugueses para honrar o Herói e o Santo! E reunidos estão para o venerar a Ele, Herói de Portugal e Santo no Paraíso.

No descurso deste ano de 1960, dois centenários gloriosos se comemoraram em Portugal.

Todo ele vibrou maravilhado ao comemorar o sexto Centenário do Nascimento do Infante; para o honrar, Portugal pôs-se de pé. Era a atitude para se elevar à altura do Herói. Começa a celebração ao centenário do Santo Condestável. E Portugal, para o celebrar, por-se-á de joelhos, que é atitude do homem diante de Deus.

Onde está o Santo, aí passa Deus. Herói e Santo. Herói da Pátria. Herói de Santidade. A Pátria tomou-a nas mãos; na ponta da sua espada para a dar aos portugueses.

Se ele não tivera vivido, nós não seríamos portugueses. Ele fez no tempo o que a todos parecia impossível. Depois de vencer os inimigos da Pátria, ele deixou-se vencer por Deus.

Conversando

Em Caniçada

A MÃE

FATINHA

Não comeste quase nada!
Assim não podes estudar!
Leva aquela sanduiche,
Para o intervalo lanchar.

FATINHA

MÁEZINHA

Enquanto estiver de chuva
Isso é trabalho esensado,
Não vê que na nossa Escola
Não há recreio abrigado?

PAI

ZEQUINHA

A cópia e o ditado está tudo borratado!
Andás-te na brincadeira!...
Não foi paizinho; é uma pinga teimosa,
Que sempre que chove um pouco
Cai na minha carteira.

Visado pela C. de Censura

Tribuna do Concelho

CARTA DE LAGO

Continuação da 3.ª página

para verem o que se passava. Ouvidas algumas advertências da boca do Pároco que finalmente os aconselhou a que se fôssem embra, quando o ciclista acompanhado pelo irmão e pelo Armando ia buscar a bicicleta o mudo vibrou um murro na cara do Armando. Este ia-se defender da nova agressão quando Custódio Antunes Pinheiro, de 15 anos, sente. Dizem que o chefe, já com dois dedos de música, vendo-se insultado pela consorte, resolveu agredi-la, e pegou em uma machada! Não imagines, que a queria matar. Longe disso!!!

Entretanto ela fugiu para casa de uma vizinha.

Estava, portanto, fora de perigo. Surgiu, porém, um novo acto: Dois senhores interviewaram e mandaram prender o marido agressor!... Dir-te-ei somente isto:—«Entre casados e irmãos ninguém meta as mãos»; e, para mais, homens a defender uma mulher casada, fora de perigo, contra as fúrias musicais do próprio marido, fúrias que passariam facilmente com um pouco de sono... Depois, ela também gosta de música... e, às vezes, chega bem aos dois dedos! Tu comprehendes bem toda esta música que enoja qualquer sensibilidade

TRIBUNA DO RIO DE JANEIRO

Ilustre visitante = Novo estabelecimento Outras Notícias

Rio — 31 — Vindo de Manaus, passou por esta cidade, onde se demorou alguns dias, o sr. José Manuel de Macedo, que após alguns meses de permanência na capital do Amazonas, regressa de novo à Feira Nova, e a tempo de assistir às festas em honra de Santo António. Além de pessoas amigas, que o foram aguardar à chegada, foi recebido por seu cunhado sr. Ermindo F. Barbosa e filha senhorita Edith Barbosa, e sobrinho Armando M. Martins, familiares estes com quem o visitante esteve em contacto permanente. Na capital carioca, o «Tio Juca» teve ainda o ensejo de se avistar com velhos amigos de Manaus, assim como também teve o prazer de rever alguns conterrâneos, como o sr. Frederico Collona e família, sr. Augusto Ferreira Arantes, Aparício Arantes Rodrigues, e vários outros amarenses radicados no Rio de Janeiro.

À Rua S. Salvador N.º 1, no Catete, acaba de abrir ao público, mais um moderno estabelecimento comercial. Trata-se da «SAPATARIA BRISAMAR» propriedade do nosso particular amigo, e assinante de TRIBUNA LIVRE, sr. Aníbal Fernandes, marido da snra. D. Maria Pe-

reira natural da Feira Nova, e filha da snra. D. Rosa Pereira, residente ao lugar do Bário da mesma localidade.

Industrial muito conceituado no referido bairro, o sr. Aníbal Fernandes que é natural de Seia, possui ainda a «Sapataria do Estudante» junto ao Heroporto Santos Dumont, e a «Sapataria Assis» à Rua Machado de Assis.

Ao felicitá-lo por mais esse empreendimento, esperamos que ainda este ano visite a Feira Nova, como está projectado, acompanhado de sua esposa e filho. Juntamente com o sr. José Manuel de Macedo, viajaram também para Lisboa no passado dia 31, pelo D-C-7 da Panair do Brasil, o sr. Prudêncio Lopes Venâncio e família que vindos também de Manaus, irão passar alguns meses na Póvoa de Varzim, de onde são natos.

—A fim de ser submetido a uma intervenção cirúrgica, encontra-se internado no Hospital dos comerciários desta cidade o sr. António F. Barbosa, também cunhado do sr. José Manuel de Macedo radicado em Manaus, e que aqui está acompanhado de sua esposa.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

ainda não embotada. Só lamento que não seja caso único e que por toda a parte haja tantas famílias a tocar música assim desafinada e enervante...

Baptizado

No dia 4 deste mês baptizou-se na igreja paroquial de Lago a menina Maria Manuela Pereira Calheiros Cruz, filha dos senhores Francisco José de Sousa Arantes Calheiros Cruz e D. Maria Helena Soares Pereira, respectivamente, empregado bancário e professora de ensino primário com residência em Braga e em Lago. Os avós paternos são os senhores Ernesto Augusto Ferreira da Cruz e D. Flora de Sousa Arantes Calheiros Cruz. Os avós maternos são os senhores Camilo Cândido Alves Pereira e D. Ema Soares Pereira. Padrinhos foram os senhores Dr. Avelino Manuel da Silva e D. Maria Amélia Fernandes de Azevedo Silva.

O copo de água foi servido no «Casal da Ribeira», pertença dos avós maternos. Deus o proteja.

Tenho pena que a estrada da Ribeira não tenha saído do projecto.

Estou convencido de que tanto a nova Junta como a nova Câmara tudo farão para que o projecto saia da gaveta e entre na prática.

Novo Arcipreste

Infelizmente a doença tem perseguido ferozmente o ilustre e bondoso arcipreste de Amares, Rev. do Padre Lago e Costa. Embora tenha experimentado algumas melhoras, a verdade é que o ilustre sacerdote reconhece não ter forças para os trabalhos arcepirestais e pediu ao Senhor Arcebispo que o substituísse nessas funções. O mais indicado para assumir essas responsabilidades de arcipreste era naturalmente o Pároco de Ferreiros, atendendo às qualidades pessoais e à situação geográfica da residência do escolhido. Embora veja com saudade ausentar-se das funções de arcipreste, o Rev. do Abade de Bouro, não possuiu ainda a coragem de deixar de te dizer que o arciprestado de Amares está de parabéns. Entre as muitas qualidades do novo Arcipreste são de salientar a lealdade aos colegas e o espírito de união fraterna que o anima.

Dipõe do teu amigo, J. Moreira.

Casa do Povo de Amares

CONCURSO

Para o preenchimento do lugar de médico desta Casa do Povo encontra-se aberto concurso pelo prazo de trinta dias, nas condições que se encontram todos os dias patentes aos interessados, na Secretaria da mesma.

O Presidente da Direcção

Carro de Aluguer

Vende-se

Marca, Dodge, em bom estado, e com licença de aluguer em Galdelas.

Ver ou tratar:

António José da Silva

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 61

(CONTINUAÇÃO)

* * *

Em vão D. Carolina Michaelis interpretou esta passagem, como se o Poeta fosse inimigo dos Abreus; igualmente o Dr. Sousa Machado no *Poeta do Neiva*, esforçando-se por dissuadir o leitor, provando que não era; e não efectivamente. Incorreu, porém, na sua teimosia de que Sá de Miranda se encontrava ainda na Comenda de Duas Igrejas, quando é bem claro que residia já nas suas propriedades de Fiscal, depois *Quinta da Tapada*, no sopé do monte de S. Pedro-fins.

Tinha, na verdade, defronte os Abreus, em seu solar de Coucieiro, como lobos que, mais afeitos ao seu habitat das montanhas, desceram ao povoado.

Lá isso de pôr Coucieiro defronte da freguesia de Duas Igrejas é que não era possível; isso não.

Mas, Sá de Miranda, quando escreveu esta carta a seu irmão, já se tinha recolhido às suas propriedades de S. Miguel de Fiscal. E não se compreende que, tendo o poeta adquirido aqui metade da antiga quinta do Bárrio já em meados de 1530 (3 de Maio) a qual com as sucessivas adjunções veio a formar a da *Tapada*, só quase no resto da vida aqui ficasse a sua residência, como pretende o autor do *Poeta do Neiva* para melhor justificar o título do seu trabalho.

Não; não é natural que tal se verificasse—que Sá de Miranda se tenha reservado para a velhice assentar definitivamente a sua pousada, construir o seu ninho; nem mesmo o volume das obras que deixou realizadas o consente.

* * *

Retomando, após estas divagações, o fio do assunto, para chegar à linhagem dos Abreus, em consideração pelo seu exercício de fronteiras e alcáides destas terras da raia seca nortenha, longamente confiadas à sua guarda (que a falta das correntes fluviais dificultava, correspondendo-lhes as muralhas das montanhas com seus desfiladeiros e gargantas transponíveis) vê-se que este encadeamento de guarnições se havia estabelecido de longe, de fundo e em toda a linha, desde os senhores de Bragança, ou Braganços, por Chaves, Montalegre, Cabreira e Ribeira, às terras de Límia.

Exactamente o confirma o Livro Velho II em seu introito:

Agora amigos se vos plaze vos contaremos os linhagens dos bons homens filhos—dalgo..... que andarão a la guerra a filhar (conquistar) o reyno de Portugal..... forão partidos em cinco partes..... como elles com sograrão, isto é, como casaram os filhos e as filhas; os netos e as netas; dir-se-ia hoje: como se compadraram ou tornaram compadres uns dos outros, instituindo e vinculando assim esses primeiros fundamentos da grande Família Nacional na mais sólida estrutura, cimentando-a pelos laços do sangue e da unidade de interesses patrióticos, morais e materiais, a que a veneranda instituição familiar ofereceu o seu magno contributo.

Logo se torna notório o estreitamento e reforço destas alianças com as primeiras gerações da Família Real Portuguesa, e por este simples esquema: a filha do Conde D. Henrique, D. Sancha Henriques casada com D. Fernão Mendes de Bragança—o Bravo; sua outra irmã D. Urraca Henriques casada com D. Bermudo Pires de Trava na terra de Límia, D. Teresa Afonso, filha de D. Afonso Henriques e de D. Elvira de Gualtar, casada com D. Sancho Nunes de Barbosa; mas, porque este se babara todo a comer manteiga que lhe escorria pelos queixos, isto na presença do sogro, não esteve D. Afonso Henriques com meias medidas, tirou-lhe a infanta e casou-a com D. Fernão Martim Bravo, senhor de Bragança e de Chaves, D. Urraca Nunes de Bragança, filha do primeiro matrimónio daquela infanta, com D. Sancho Nunes, casada com D. Paio Monis, descendente dos de Cabreira e Ribeira, senhores de Lanhoso, donde provém os Vasconcelos.... entrelaçamento sem fim, a ramificar-se e multiplicar-se em todos os sentidos e escalas sociais através das múltiplas gerações, à medida que se consolidou a posse do Reino, projectando-se depois nas terras de Além-mar que se irmanaram nestes mesmos princípios e laços afins da Lusitanidade.

(Continua no próximo número)

A PRIMEIRA PONTE DA EUROPA

Por António Maria Zorro

Agora, não há mais dúvidas. A construção da ponte sobre o Tejo, em Lisboa, depois de haver sido sonhada em 1876 pelo eng. Miguel Pais, de ter sido objecto de propostas em 1913 e em 1938, de haver sido entregue, em 1953, como matéria de estudo exaustivo, a uma comissão especializada; depois, ainda, de haver sido autorizada há um ano e de ter ido por consequência a concurso, foi agora adjudicada, por mais de um milhão e setecentos e sessenta mil contos, a um dos grupos de firmas concorrentes — precisamente aquelas a que se deve a construção da maior ponte do mundo, a da baía de Mackinach, no Lago Michigan, Steinmain, o autor do projecto apresentado pelos concorrentes vencedores, é uma espécie de «virtuose» da engenharia moderna: tem construído algumas das maiores pontes que existem hoje à face da Terra com facilidade e êxito semelhantes aos que impuzeram Moisevitich nas salas de concerto ou... Pelé nos campos de futebol.

Diante destes dados, podemos pois dizer com segurança que a ponte de Lisboa vai ser uma realidade. A começar quando? — Muito em breve, por certo; a obra é urgente, os norte-americanos não gostam de perder tempo e um dos factores que contribuíram para se lhes dar a adjudicação foi precisamente o de se proporem concluir a obra com um meio ano de avanço sobre o determinado no programa do concurso. O grupo adjudicatário tem à sua frente trezentos dias para apresentar ao Governo português o projecto definitivo, que deve ser, aliás, muito semelhante ao anteprojecto elaborado pelo eng. Edgard Marques e pelos seus colaboradores e que serviu de base ao concurso. Tudo é de molde, porém, a fazer crer que esses trezentos dias serão largueza de tempo que, por excessiva, se não utilizará. Dentro de um ano, pois, a ponte de Lisboa estará a ser construída.

E terminada, quando? Seguindo as mais seguras previsões, dentro de cinco anos, ou seja em meados de 1965. Nessa altura — e caso ninguém se lembre, entretanto, de mandar fazer outra ponte em outro sítio e mais depressa, o que não é provável — Lisboa terá a maior ponte da Europa e a quinta de todo o mundo, em escala decrescente.

Traduzida em números, a maior ponte da Europa deve empregar cerca de cinquenta mil toneladas de aço e mais de duzentos mil metros cúbicos de betão; o vão central, entre os eixos das duas torres

de amarração dos cabos de suspensão do tabuleiro, será de 1.011 metros; os vãos laterais terão cerca de 470 metros cada; as torres erguer-se-ão a uma altura de 230 metros, desde o leito do rio. No conjunto, incluindo os viadutos de acesso em ambas as margens, a extensão será de três quilómetros.

Falta dizer, para quem o não saiba, que a ponte será lançada entre o vale de Alcântara e o morro fronteiro da margem Sul — ou seja relativamente perto do local onde se ergue o monumento a Cristo Rei.

É, sem dúvida, esta a localização que melhor obedece aos dois requisitos fundamentais a ter em conta: a praticabilidade da obra e a sua mais fácil utilização; um projecto anterior; por exemplo, que andou sobre a mesa de trabalho de Duarte Pacheco, previa que a ponte se construísse entre o Beato e o Montijo. Apesar disso, apesar da evidente excelência do local escolhido, há já quem se queixe (a cinco anos de distância, vejam lá!) de ficar a ponte muito «fora de mão»... Supõe-se, facilmente, o que esses Jeremias apeterceriam — uma passeira atravessando o Tejo do Terreiro do Paço ao Pontel de Cacilhas ou talvez uma pontezinha particular, que fosse da janela de cada um até aos «restaurantes» típicos do Ginjal. Não será possível fazer-lhes a vontade...

É claro que entre os poucos reparos que ouvimos formular acerca da construção desta obra gigantesca nem todos são tão irrisórios, tão

burlescos como aquele. Há quem considere que a ponte de Lisboa — não é a grande via de comunicação ideal entre o Norte e o Sul do País, não obstante se prever que o seu tráfego mínimo anual seja de quinze milhões de passageiros, um milhão de toneladas de carga e oitenta mil carruagens ou vagões e se calcular em seis mil por hora a capacidade de trânsito de veículos.

Ora — depois do que a experiência da ponte de Vila Franca de Xira demonstrou (nem pelo facto de ela existir e de ter intenso tráfego deixou de aumentar em ritmo impressionante o tráfego fluvial de Lisboa) — já não há razão para se discutir a utilidade nacional da ponte de Lisboa. Porque a verdade é esta — mesmo que a maior ponte da Europa servisse apenas, além da população de Lisboa, a zona da península de Setúbal, impunha-se construí-la; nessa península de Setúbal que andou tanto tempo arredada e esquecida; nessa região incomparável do País, que teve, durante tanto tempo, em relação ao resto de Portugal, situação semelhante à que Portugal tinha em relação ao resto da Europa, brotam agora duas fontes vivas do progresso nacional — a industrialização e o turismo. Ambas vão ter, na ponte de Lisboa, o indispensável e seguro esteio. Só por isso, quando mais não houvesse, valia a pena mandar construir a ponte de Lisboa. Só por isso — até mesmo que ela não viesse a ser, como virá, para íntimo júbilo de todos os lisboetas, a maior ponte da Europa.

O passeio de Santo António

Saíra Santo António do convento,
A dar o seu passeio costumado
E a decorar, num tom rezado e lento,
Um cândido sermão sobre o pecado

Andando, andando sempre, repetia
O divino sermão piedoso e brando,
E nem notou que a tarde esmorecia,
Que vinha a noite plácida baixando...

E andando, andando, viu-se num outeiro,
Com árvores e casas espalhadas,
Que ficava distante do mosteiro
Uma légua das fartas, das puxadas.

Surpreendido por se ver tão longe,
E fraco por haver andado tanto,
Sentou-se a descansar o bom do monge
Com a resignação de quem é santo...

O luar, um luar claríssimo nasceu.
Num ralo dessa linda claridade
O menino Jesus balçou do céu,
Pôs-se a brincar com o capuz do frade

Perto, uma bica d'água murmurante
Juntava o seu murmurio ao dos pinhais.
Os rouxinóis ovilam-se distante.
O luar, mais alto, iluminava mais.

De braço dado, para a fonte, vinha
Um par de noivos todo satisfeito.
Ela trazia ao ombro a cantarilha
Ele trazia... o coração no peito

Sem suspelarem de que alguém os visse,
Trocaram bellos ao luar tranqullo.
O menino, porém, ovuiu e disse:
— Oh Frei António, o que foi aquilo?...

O santo, erguendo a manga de burel
Para tapar o nolvo e a namorada
Mentiu numa voz doce como o mel:
Não sei que fosse. Eu cá não ouvi nada...

Uma risada límpica, sonora,
Vibrou em notas d'ouro no caminho.
— Ouviste, Frei António? Ouviste agora?
Ouvi, Senhor, ouvi, é um passarinho.

Tu não estás com a cabeça boa...
Um passarinho a cantar assim!...
E o pobre Santo António de Lisboa
Gaiou-se embaraçado, mas por fim,

Corado como as vestes dos cardeais,
Achou esta saída redentora:
Se o menino Jesus pergunta mais,
... Queixo-me a sua mãe, Nessa Senhoral

Voltando-lhe a carinha contra a luz
E contra aquele amor sem casamento
Pegou-lhe ao colo e acrescentou: Jesus,
São horas... e abalaram p'ro convento.

de:

AUGUSTO GIL

Festas de Santo António

Continuação da 1.ª página

servirá de «carro vassoura», enquanto fará disputará duas taças. A Polícia de Transito será reforçada e outros carros prestarão o seu concurso à organização.

Serão disputadas quatro taças e muitos e valiosos prémios individuais. O concelho desconhece que por intermédio de A Modelar tem uma das melhores equipas populares do norte, vencedora de muitas provas realizadas ainda este ano e que não obstante alinhar desfalcada se espera bem comportamento dela.

SÁBADO—DIA 11

As 8 horas—Entrada dos Gigantones Cabeçudos e Zés Pereiras; As 10 horas entrada duma afamada Banda de Música;

FESTIVAL DESPORTIVO

CICLISMO

Integrado no programa das Festas do concelho e a Santo António, vai disputar-se no próximo domingo, dia 12, pelas 9h. e 30, um circuito de 80 quilómetros, o qual terá o seguinte itinerário: Amares, Besteiros, Portela, Caldelas, Torre, Fiscal, S. Vicente, Rendufe, Carrazedo, Amares, Ponte do Porto, Crespos, Santa Lucrécia, Adaufe, Confeiteira, Palmeira, Entre Pontes, Lago, Rendufe, Carrazedo, seguindo-se novamente o mesmo itinerário.

A meta será instalada à entrada do Largo Doutor Oliveira Salazar.

Este circuito tem o patrocínio das seguintes casas comerciais.

Tipografia «A Modelar», A

«a»; às 14 horas início da grande feira Franca de Santo António e concurso Pecuário; à noite festa da Rádio; às 24 horas Monumental serenata de fogo preso, primeira sessão de fogo de artifício, grande arraial Minho.

DOMINGO—DIA 12

As 10 horas Prova de ciclismo para «POPULARES» em circuito no total de 80 Quilómetros; às 14 horas entrada das afamadas Bandas de Freamunde e Marcial Visconde Salreu (Ave ro); às 15 horas Encontro de futebol entre duas equipas de grande categoria, durante a tarde certames musicais entre as duas bandas, segunda e monumental sessão de fogo de artifício e grande arraial Minho.

SEGUNDA-Feira-Dia 13

As 10 horas Missa cantada a grande instrumental; às 18 horas magestosa Procissão; às 20 horas ranchos Folclóricos (Infantil e Adultos de S. Martinho de Gandara) e terceiro e último Arraial Minho.

«Penhorista», Armazéns da Feira, Armazém Novo, Farmácia Pinheiro Manso, Casa de Fazendas de Amares, (Loja Nova), Casa Monteiro & Filho, Retiro dos Pacatos, Casa Leite, Casa Alvaro Gomes, Casa Ramos, João Gualberto de Macedo, Antiga Casa Paulo, A Menal, Grande Hotel da Bela Vista, Grande Hotel de Caldelas, Hotel das termas, Pensão Continental Machado, Casa Mota, António Alves da Mota, João de Oliveira Quinquilharia, Casa Pires (Lago) Casa Cerdeira (Lago), Flor do Cávado—Ponte do Bico, Oficina de Sarralharia de Artur da Cunha Cruz, Casa Cunha, Talho de Rendufe, empregados da Tipografia A Modelar e empregados dos «Armazéns

TRIBUNA DE VIEIRA

CARTA DE RUIVÃES

Malogrou-se, como havíamos previsto, a conferência dos 4 grandes.

A Rússia, representada pelo Senhor K., mais uma vez atirou com os pratos á cara dos ocidentais, abandonando a conferência, sem ter tido ao menos a delicadeza de se despedir dos seus colegas, que, metálicos e boquiabertos, ficaram sem saber o que alitinhão iam fazer!

Invocou o senhor K. a circunstância de o seu país haver sido sobrevoado por um avião norte americano, completamente desarmado e que, portanto, não fazia correr perigo o seu país.

Tal incidente teria uma solução pelas vias diplomáticas, como já outros casos identicos têm tido, noutros países.

Mas o senhor K. preferiu complicar tudo, enredar tudo e ridicularizar, tudo, como é lá seu costume e, daí, atirou 4 murros na mesa em que decorriam os trabalhos da paz, berrou alto e saiu pela porta fora, á russa.

E lá continua o braseiro acesso junto da pólvora, ao qual o senhor K. está soprando constantemente, esquecido de que a paciência tem limites e as suas arremetidas provocadoras podem trazer ao Mundo—maior castástrofe de

da Feira» Manuel Vieira, António dos Santos Barros Padaria de Caldelas e Albertino de Araújo Caldelas.

Tomarão parte neste circuito algumas equipas do Norte. Estão já inscritas as equipas dos Leões d'A Modelar, Ponte do Porto, Gião, Pejão, Aldoar, Gilica, Leixões, Académico e Ovar.

que pode rezar a história.

Os ocidentais também possuem armas nucleares, senhor K., e embora sucessivamente prudentes, dia chegará em que acabem por reagir.

É preciso acabar-se de vez com o escândalo da Alemanha, pois não há direito de se manter escravizado um povo que pode dar provas de seu insuperável progresso.

Teve um chefe desvairado que a arrastou para um problema sem solução?

É certo, mas chefes de Estado de outros países fizeram o mesmo e não foram submetidos á humilhação dos alemães.

A final, onde está esse grau de civilização de século XX, que ensinou os homens a amarem-se como irmãos, se a perversidade e a insídia são hoje mais ferozes do que nos tempos primitivos?

Ou os russos querem ou não querem a guerra.

Se a querem, não é com subserviências que ela se evita.

E se não o querem, haja decisão da parte dos ocidentais em baterem o pé a quem tão petulantemente os tem provocado.

Entre Colegas

Onde vais milú?
com a carteira na mão!
Vou a casa da Senhora
Receber explicação.

E não sabes ir á Escola?
outra vez!
Não sabes que só pode trabalhar,
Uma Senhora de cada vêz!

Tancos, José Silva

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

ponto, está muito longe da verdade o autor do *Poeta do Neiva* onde informa que esse brasão fora inventado por Mentebelo; com outras alusões, como seja a da integral autoria da carta poética em questão, onde continua:

Se nove torres tiraram
que guardavam três machados,
com dois mais bem vos pagaram,
pois Torres Novas entraram
Martim c'os quatro criados.

A tomada de Torres Novas pela de Santarém, em que se funda a *legenda heráldica* dos Machados, quando esta última cidade por surpresa foi arrebatada aos mouros em 1147 e *D. Mem Monis* foi o primeiro a entrar arrombando as portas com um machado, como o Martim por Mem, pode atribuir-se a equívoco do poeta.

Foi aquele, e não o seu neto Martim Martins, o autor dessa fanha. Martim Martins, bem assim seu pai e os descendentes, é que começaram a usar o apelido de *Machado* em memória do feito do avô. E desfazem-se deste modo os erros da cronologia e da história.

Nega o Dr. José de Sousa Machado a Sá de Miranda a paternidade de quase metade desta carta, atribuindo-a antes a Montebelo que classifica de «temerário falsificador» de cumplicidade com Manuel de Faria e Sousa, seu amigo e protegido.

Melhor seria negá-la de toda a carta; truncá-la é que não, dado que nunca seria tão resumida e haver verdadeiro nexo de sentido do princípio ao fim, na concordância com a nova constituição das «armas» dos Machados à data da reforma dos brasões, a que D. Manuel mandou proceder; e passou a ser «um escudo de cinco machados de pra-

ta com os cabos de oiro em campo vermelho, postos em santor; timbre dois machados do escudo em aspa, atados com um torçal vermelho». Achava-se, segundo informação do «Arquivo Heráldico» de Sanches de Baena, na torre do Tombo, no livro, que o dito rei mandou fazer. São as mas formas do já referido pergaminho ou carta de brasão existente no Cartório de Castro, que Sousa Machado decerto não conhecia; e daí o ter posto o caso em tamanha contradição e amesquinhar tão sem razão a memória do marquês de Montebelo, aliás digna de todo o respeito. — Erros? Quem os não pratica?!

* * *

Procederam os Machados da geração de D. Moninho Viegas—o Gasco, por ter vindo da Gasconha a Portugal, em tempo do rei Ramiro de Leão, com uma grande armada que desembarcou na foz do Douro; com seu irmão D. Sesnando que foi bispo do Porto, e seus filhos e outros muitos cavaleiros; tomaram aos mouros as terras de Riba-Douro, quando seu pai, D. Gonçalo, governador de Coimbra e terras da Feira, não tendo com quem defender estes domínios cristãos, mandou pedir este auxílio da sua terra de origem e por isso se chamaram — Gascos.

Foi D. Gonçalo Monis casado com D. Mumadona, filha do rei Bermudo. D. Moninho casou com D. Valida Trocosendes.

É esta a mesma geração dos Coelhos — do honrado e bemaventurado Egas Monis que, acompanhado da mulher e dos filhos, descalços e de corda ao pescoço, se apresentou a Afonso VII de Leão, disposto a pagar com a vida e a dos seus a falta ao juramento que fizera por o levantamento do cerco de Guimarães.

Teve razão este apelido em *D. Mem ou Mendo Monis de Gondarei*, terceiro primo do grande Egas Monis, o qual, segundo consta, foi o primeiro a entrar em Santarém, arrombando as suas portas com um machado que seus descendentes tomaram como honroso título de família, em memória do feito.

D. Pedro Mendes de Gondarei que se supõe ser filho do

(CONTINUA)